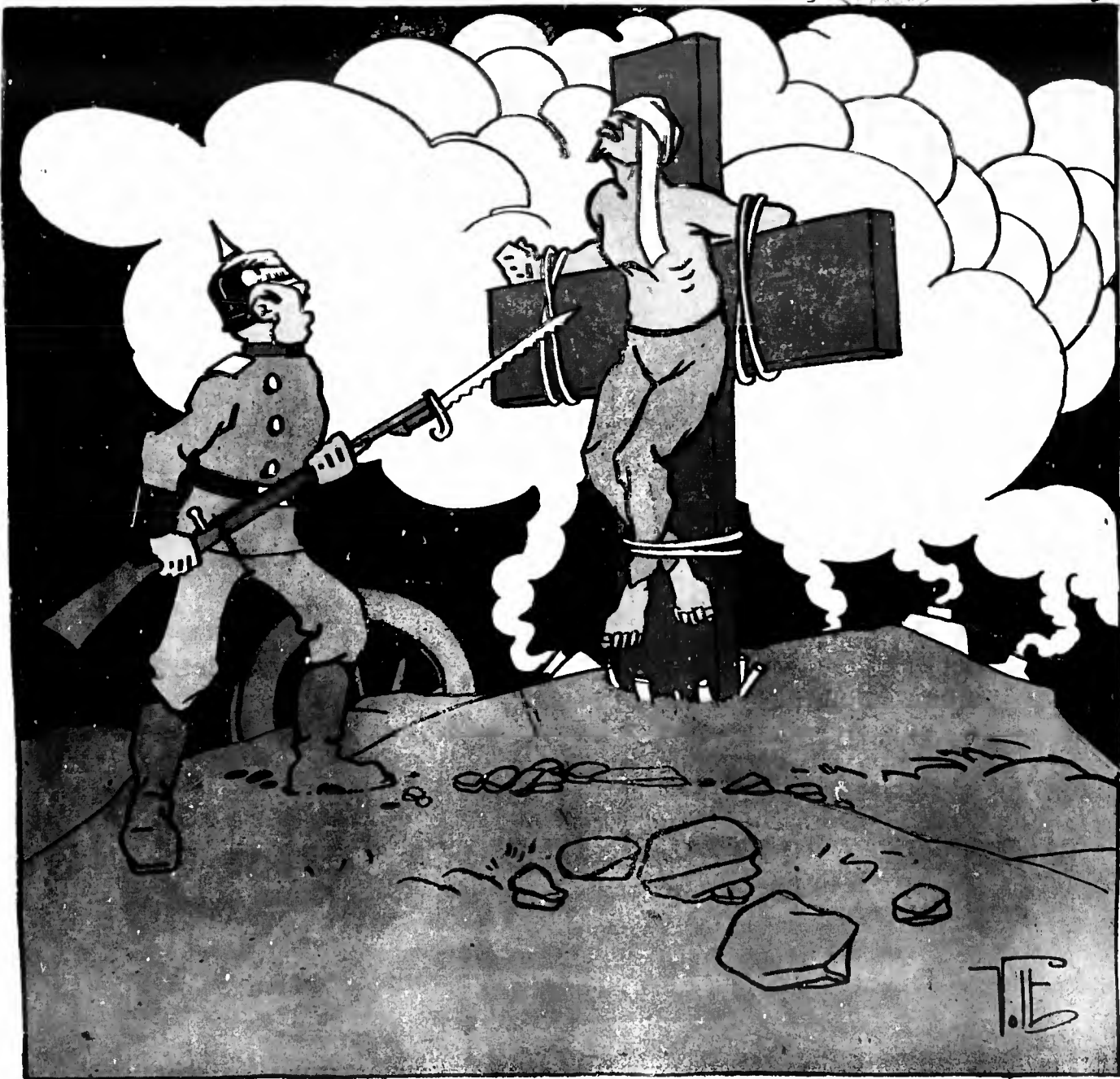


300 rs.



O PIRRALMO



O CALVARIO DA CIVILISAÇÃO

Vermouth

CINZANO

Cinzano Cinzano Cinzano Cinzano Cinzano

Vino Chinato

Companhia Cinematographica Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA

Capital realizado Rs. 4.000:000\$000 == Fundo de reserva Rs. 1.080:000\$000

THEATROS

São Paulo	{	BIJOU THEATRE	THEATRO SÃO PAULO	Rio de Janeiro	{	CINEMA-PATHE'
		BIJOU-SALON	IDEAL CINEMA			CINEMA ODEON
		IRIS-THEATRE	THEATRO COLOMBO			CINEMA-AVENIDA
		RADIUM-CINEMA	COLYSEU DOS CAMPOS ELYSEOS			THEATRO SÃO PEDRO DE AL
CHANTECLER-THEATRE	SMART CINEMA	CANTARA				

Em Nictheroy: EDEN-CINEMA — Bello Horizonte: CINEMA-COMMERCIO — Juiz de Fóra: POLYTHEAMA
Santos: COLYSEU SANTISTA — THEATRO GUARANY

THEATROS

POLYTHEAMA, S. Paulo — THEATRO S. JOSE', S. Paulo — PALACE THEATRE, Rio de Janeiro

Em combinação com diversos Theatros da America do Sul

Importação directa dos Films das mais importantes Fabricas

Nordisk, Ambrosio Itala, Pharos, Bioscop, Selig, Nester, Durks e todos os films de successo editados no mundo Cinematographico
Exclusivamente para todo o BRASIL os films das principaes fabricas do mundo!!! 36 marcas... 70 novidades por semana
Stock de fitas, 6.000.000 de metros. Compras mensaes, 250.000 metros.

Unica depositaria dos celebres Apparelhos PATHÉ FRÉRES. Cinemas KOKS
propios para Salões em casa de Familias.

Alugam-se e fazem-se contractos de fitas

Séde em S. PAULO - Rua Brigadeiro Tobias, 52 - Succursal no RIO: Rua S. José, 112
Agencias em todos os Estados do Brasil



FRA

Todo
dame
neral
pela n
Rio de
Da
propag
notave
operos
finar-s
A v
cerio,
está li
da Re
com e
thusia
Sen
dos p
tarde,
narch
te, fez
depois
tal, n
Feder
Pos
aprec
tribut
alcan
phos
cranc
gir, i
rigiu
amo
Na
teve
poli
Estac
exist
ques
regit
a si

S. Paulo, 18 de Abril de 1916

Numero 217



Caixa do Correio, 1026

Revista Illustrada
de Importancia

:: :: :: evidente

Redação
RUA 15 DE NOVEMBRO, 50-B

FRANCISCO GLYCERIO

Todo o Brasil ainda pranteia, sentidamente, o desaparecimento do general Francisco Glycerio, occorrido, pela manhã a 12 do corrente mez, no Rio de Janeiro.

Da brilhante pleiade de paulistas propagandistas da Republica, foi o notavel politico o primeiro em ardor, operosidade e prestigio, e o ultimo a finar-se.

A vida publica de Francisco Glycerio, cheia de abnegação e civismo, está ligada, estreitamente, á Historia da Republica Brasileira, a que serviu com extremada dedicação e vivo entusiasmo.

Sendo o mais popular e influente dos propagandistas republicanos, mais tarde, com a perda do regimen monarchico, que combateu, decididamente, fez parte do governo provisorio e depois representou o seu Estado natal, na camara e, por fim, no Senado Federal.

Possuindo forte intelligencia e sendo apreciado orador, na imprensa e na tribuna dos comicios ou parlamentar alcançou, o inclito brasileiro, triumphos inumeros, e como politico, de grande clarividencia, sabendo transigir, maneiroso e fino, organisou e dirigiu o P. R. F., sendo durante dous annos o *leader* da politica nacional.

Não só em São Paulo, onde sempre teve merecido e elevado destaque politico, mas tambem em todos os Estados a sua influencia incontestavel existia, sendo que em todas as serias questões politicas resolvidas no actual regimen, jamais se deixou de ouvir a sincera e autorisada palavra de

Francisco Glycerio, conselheiro de seguro criterio, esclarecido e ponderado.

Com a morte do venerando republico, perdeu o Brasil um valoroso servidor e o Estado de São Paulo um dos seus filhos mais gloriosos.

NOTA POLITICA

O «Estado de S. Paulo», o pae de uma revista que se publicava em S. Paulo, contra o dr. Altino Arantes, annunciou solennemente, a morte da referida publicação e já annunciou o apparecimento de outra, em substituição do seu filho dilecto, o *Queiroso*.

Esse facto aparentemente sem importancia, mas em si muito importante, vem revelar ao publico paulista, quanta insensatez e falta de sinceridade houve por parte dos rebellados da Convenção de Novembro, ao iniciarem elles a campanha contra o dr. Altino Arantes e os politicos de responsabilidade em S. Paulo.

Foi aos poucos cahindo de pôdre a campanha da dissidencia.

As notas politicas do seu chefe insertas no grande órgão, foram se amorteccendo, depois se transformaram em boletins convocadores de grèves dos commerciantes, até desaparecerem de todo, sem nenhum pesar por parte dos leitores do jornal da Praça Antonio Prado.

Ficou o *Queiroso* que, opposicionista desde o seu titulo, até aos seus annunciados, agora morre ingloriamente sem nada ter conseguido.

Foi uma campanha perdida, cujo eco não chegou a despertar nem um só paulista contra o partido Republicano de S. Paulo e o seu illustre e digno candidato, hoje presidente eleito.

No meio da maxima liberdade que foi dada pelos pro-homens de S. Paulo, a essa opposição que se annunciava furibunda e forte, o facto d'ella ter-se extinguido assim é coisa bem significativa para provar o alto gráo de estima em que é tido em todo o Estado, o talentoso e illustre dr. Altino Arantes e prova quanto vale o partido que o elegeu.

Se ha casos em que o orgulho se justifique esse é um delles.

Ou essa morte da dissidencia é um symptoma de «avacalhamento» contra o qual tanto clamava o *Queiroso* e, nesse caso está perfeitamente verificado o valor do candidato do partido Paulista, ou é signal de que não encontrou eco no seio da opinião publica de todo o Estado e, nesse caso quer isso dizer que a opinião em pêsos desta vasta parte da Federação abençoa e bendiz o Partido Republicano Paulista e o Dr. Altino Arantes, n'um nobre gesto de justiça.

Essa é que é a verdade.

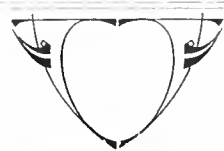
Bem raras vezes o Brasil verá uma opposição morrer por falta de adeptos.

A' quelque chose, malheur est bon...

A gritaria dos dissidentes só serviu para mais realçar o valor do Partido Republicano Paulista e provar quanto vale o joven estadista, hoje Presidente eleito de S. Paulo.

Antes assim...

D.



INDA 9 PRAT. C

COMO ESCREVEM OS NOSSOS HOMENS DE LETRAS

Fala-nos o snr. Saturnino Barbosa

Habitado a tratar sempre nos meus escriptos, quer em prosa, quer em verso, assumptos transcendentales, sinto-me um tanto acanhado devendo responder a uma *enquête*, que me parece futil e até mesmo pueril.

As grandes cerebrações destinadas a solver os mais complicados problemas que preoccupam o espirito da maior parte dos intellectuaes do orbe, não podem ter hora marcada para pôr em letras o pensamento que lhes escalda o cerebro.

Quando escrevo, prosa ou verso, é porque tenho necessidade imprescindivel de gerar a producção. Em vez de ser para mim um phenomeno psychologico, o da producção intellectual, é mais um phenomeno physiologico.

Em vista d'isso, portanto, não é me dado ter hora certa para escrever.

A's vezes estou deitado, mas é tamanha a necessidade que tenho de escrever, tão grande o peso que me esmaga o cerebro, que sou obrigado a levantar-me e pôr no papel o turbilhão de ideas e pensamentos que me enchem a mente.

Vê, portanto, o illustrado redactor d' *O Pirralho*, que lhe não posso dizer que tenho hora certa para escrever.

Demais essa questão não tem importancia. Dizem que Dumas só escrevia depois do almoço e Victor Hugo só antes da primei-

ra refeição, no entretanto o mestre da «Legenda dos seculos» não é porisso que levava vantagem sobre o grande psychologo d'«A Dama das Camélias».

É uma questão de habito ou mania que não merece a pena de ser estudada.

O mesmo dá-se em relação ás estações.

O inverno é quasi sempre preferido para a geração intellectual, mas eu não tenho predileção nenhuma por esta ou aquella parte do anno.

Si bem que os meus estudos de mesologia e climatologia me tenham levado á firme convicção de que o homem é o producto do meio e do clima em que vive, não entendo como Büchner e Haeckel, que obra literaria se resinta das influencias cosmogonicas e thermogonicas.

Eu sou muito capaz de fugir a essas influencias exteriores e pouco me importa que o sol esteja quente ou haja no ar uma bruma gelida. (pedaço literario; não é o meu genero).

Si escrevo a lapis ou a giz? Está ahi uma pergunta a que eu não respondo, porque acho ser um desaforo, um verdadeiro deboche com a minha illustre personalidade.

O redactor d' *O Pirralho* que me desculpe a franqueza, mas eu não tenho medo de dizer o que sinto. Derepente são capazes de num inquerito lite-

rario perguntar si gosto mais de bacalhau do que de sardinha em lata.

A parte mais interessante da minha resposta será a seguinte.

Vou contar-lhe, sr. redactor, algumas particularidades sobre o meu modo de compor.

Em poesia sou um extravagante, porisso a rima, o metro com todos os seus centímetros (vérvé, tambem não é meu genero), são cousas secundarias.

O importante é a ideia. Sempre que escrevo tenho intenção de dizer alguma cousa de novo, de sensacional, seja scientifica, seja literariamente.

Nos meus livros «A morte de Deus» e o «Poema transcendente» eu tive intenção de mostrar que tudo é materia, que a idea de Deus não passa de uma divinização da materia e nada mais.

D'ahi o barulho que se fez em torno d'aquellas duas obras.

No «Canto do Cysne» modifiquei por completo o lyrismo e mostrei que não só é poeta lyrico aquelle que fala com o coração na mão, mas mesmo o que tem algum pensamento grandioso e novo, capaz de reformar principios sociaes e extinguir preconceitos.

Porisso antes de escrever, penso, medito, cogito, elocubro, raciocino, reflecto, imagino, calculo, examino, supponho, conjecturo e depois então é que escrevo. Tenho dito.

Ho
que
corre
desfi
latina
as tr
urco:
At
quas
de p
lada

M
lento
page
um
tarit
de r
dum
peit
e el
nem
nem
plm
solí
nov
nole
tem

G
ving
per
fale
ent
era
Ma
trir
lov
que
do
—
le
sol
a v
tha
tro

lau

A dona de Pontevel

Ignacio Ferreira e G. de Andrade e Almeida

(CONTINUAÇÃO)

Horas depois, sob a luz quente e pesada que o sol despejava d'alto, pelos estreitos carreiros que levavam aos paços de Pontevel, desfilou, de volta, a cavalgada. Mas já não latiam os mastins barbarescos, nem tangiam as trompas dos monteiros, nem trotavam os urcos escarvando as relvas...

Atraz, entre duas nias, livida e maguada, quasi desfallecida na sua sella, e seguida de perto por seu pae, cavalgava do-conso ladamente a dolorida Dona de Pontevel.

* *

Muitos annos arrastaram-se, dolorosos e lentos, pelas cristas crepas dos solitarios paços do Pontevel. Nos desvãos das sottieiras um limo verde escorreu, avelludando a cantaria bruta dos paredões; e pela alta torre de menagem enroscou-se e subiu uma hera damninha e brava. E nunca mais aflorou ao peitoril rendilhado do balcão o rosto sereno e claro da doce Romilda d'outros tempos; nem nunca mais se ouviu ranger a levadiça, nem tremular, na moldura d'um portico, a pluma branca d'um elmo; nem crepitar na solidão do pateo solarengo, quando a lua nova tocava o cimo escuro dos robles somnolentos, as grandes almenaras d'outros tempos...

Gonçalo, envelhecido e triste, nunca mais singira a cóta de coiro, nunca mais desempeirára a bésta, nunca mais afoitára um faleão. Mettido numa brial de brocado, vivia, entrevado, da recordação dolorosa da sua grande existencia de guerras e de caças. Martinho fechára para sempre a sua « Doutrina » e para sempre calára a sua alegre jovialidade feliz e a virtuosa Ximenes esquecera, na sua memoria, as londas sombrias do castello d'Almourol. Romilda — ai dellal — doixava errar, como tonta, a sua sombra de somnambula pelos corredores largos do solar. O alaúde dormia, sem cordas, sobre a velha credencia de pão santo: os estorninhos cantaram nas avelleiras, mas nunca mais elle suspirou a pastorella saudosa d'outros dias:

Ail estorninho do avellanall
Quando cantades vós, moiro eu,
e peno, e d'amores ei mal!

* *

A noite oxtendia-se mudamente. No céu largo e negro, palpitava, com um brilho

ancioso, o setestrollo fat dico. Um monge que cavalgava de volta das terras do Pontal, ao passar ao pé de um grande cruzeiro erigido pelo conde Trutezindo Mendes, arripado, e encolhido, benzeu-se. Ao longe, numa encosta mansa da collina d'Alencastre, com suas ameias altas e seus torreões rendados, como uma acaçova de legenda, erguia-se, soberbo, o sombrio castello d'Almoster. E a noite extendia-se mudamente...

Uma athmosphera do desolação e morte envolvia toda a morada senhorial. Os arvores que ramalhavam, as aguas esquivas que fugiam e o vento leve que soprava — murmuravam enternecidamente a anciedade morta d'uma alma sonhadora, illusões perdidas, esperanças mallogradas... E de todo esse retiro desolador evolava-se o suave aroma d'uma era ditosa que se foi e de um dia feliz que nunca mais voltou.

O monge sombrio que cavalgava de volta das terras de Pontal cravou com força os acicates nas ilhargas do seu jumento e partiu num trote duro pela estrada escura e tortuosa. Na primeira estalagem apeou, tremulo d'assombro; atirou para traz o capuz grosseiro do seu burél e, acororado ao canto do lume, contou, com estalidos de lingua, ontre dois gólos de zurrapa, ao estalajadeiro gordo e risonho, que, em Almoster, desde que d'alli partira o fidalgo, nas loiras seávas alastrára-se o joio damninho e as nóras nunca mais chiaram na macia tepidez das longas séstas de junho.

— Bofé, que alli ha bruxedo! O Senhor Dom Rodrigo, que Deus guarde, já lá vão quatro annos que se foi deste mundo de Christo... — suspirou o gordo estalajadeiro, polindo lentamente um grosso pichél de chumbo.

— O Senhor Dom Rodrigo mail-o o demo que o tomou — resmungou, com melancolia, baixando os olhos, um servo rude que, nas sombras distantes da estalagem, ropimpado numa gorda pipa, roia a sua códea negra de pão.

De fora, quando o vento soprou mais forte, com o coaxar das rãs nos vallados pantanosos, chegaram os gemidos soffredores da Maria Thomazia, a pobre entrevadasinha, a filha do Tio Antão, o moleiro das Marréas que salvára o fidalgo do Faial da cornada d'um toiro.

— Bem cansado devo estar o meu santinho. Grande jornada... Grando jornada... E as estradas, que másinhas que estão! — continuava o homem da estalagem.

— Cansado, lá isso estou. Mas bem haja a fadiga de quem vem de confessar e mandar a Deus Nosso Senhor uma alminha cá da terra! — ajuntou o frade, espetando pensativamente os olhitos vivos nas labaredas do lume.

— Então temos morte cá por estas bandas? Crédo! — e o gordo estalajadeiro benzeu-se, assombrado e inquieto.

— A menina de Pontevel.

— A Senhora Dona Romilda? Aquelle Anjinho? Valha-a Deus! Que me conta Vossa Reverendissima!

— Pois é o que lhe digo. Fugiu o rico fidalguinho, numa montaria em Sotello. E vae d'ahi, põe-se a pobresita a definhar... a definhar...

— Bem m'a dizia o Tio Antão das Marréas: « Alli ha marósea, homem! » E o Senhor Dom Rodrigo, não é que o tragou o Tinhoso?

— Cala-te, infiol! — bradou subitamente, erguendo-se, o mysterioso monge. — O Senhor Dom Rodrigo, tem-n'o Deus em sua grei, e vivo!

O pesado burél entreabriu-se e o estalajadeiro, pasmo, entreviu, sob a cogula do frade, um brilho d'armas e o trançado reluzente d'um saio de malha.

— Deus bemdicto! Deus bemdicto! — poz-se a berrar, espavorido e prostrado por terra, beijando o sólo, o grosso villão. — O meu Senhor Dom Rodrigo! Ello mesmo! Bem que o estava reconhecendo eu! Deus bemdicto!

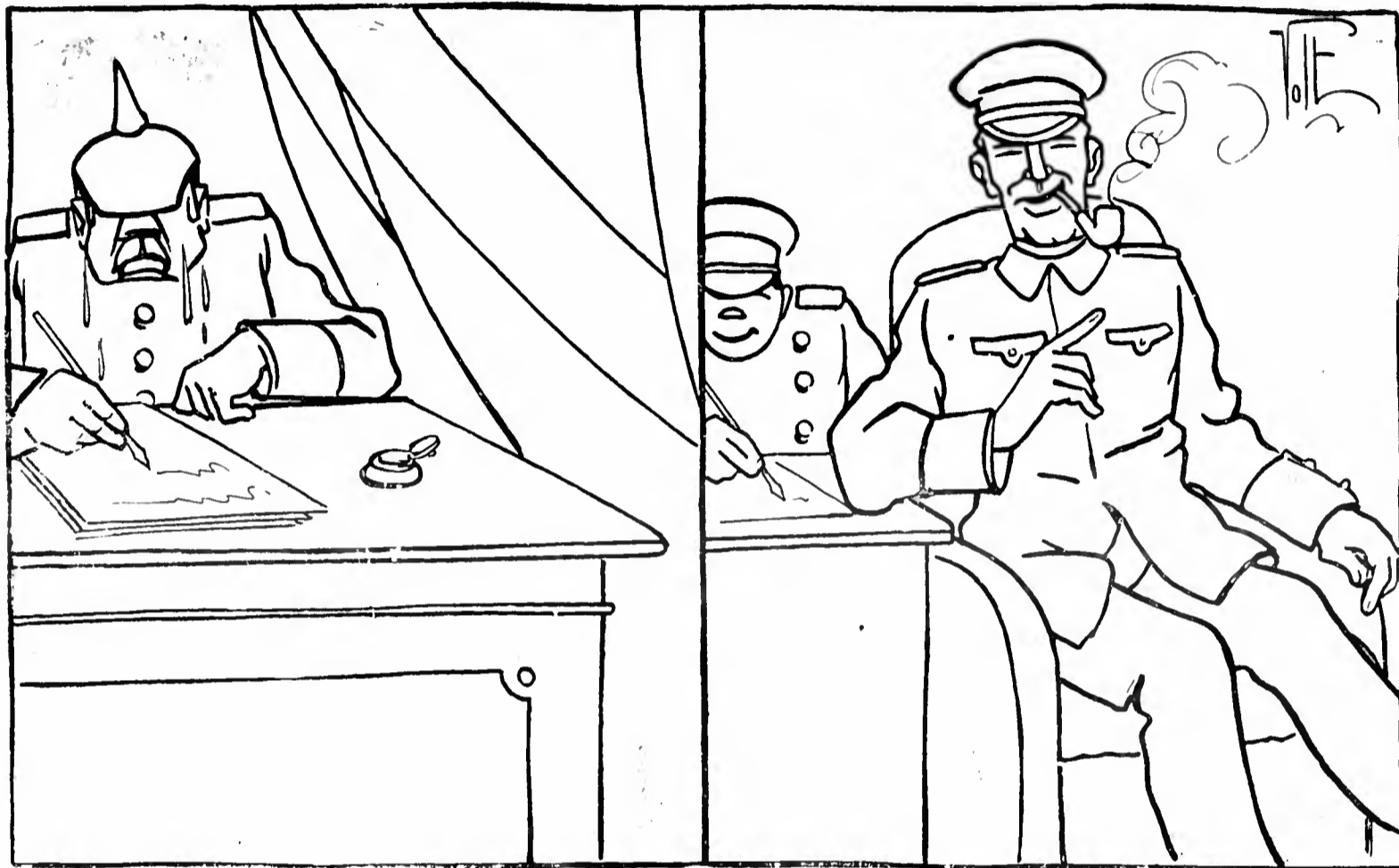
O servo que roia, ropimpado numa gorda pipa a sua códea negra de pão, saltou aterrado e, fóra, o vento soprou mais forte, as rãs coaxaram mais monotonamente nos vallados pantanosos e redobraram de tristeza os gemidos soffredores da Maria Thomazia, a pobre entrevadasinha do Tio Antão...

* *

E foi assim que morreu Romilda — numa tarde leve d'abril, quando os cravos floriam preguiçosamente no grando canteiro...

FIM

OS CORRESPONDENTES NO THEATRO DA GUERRA



ALLEMÃO — Conquistamos, hontem, mais uma trincheira INGLEZ — O marco baixou mais um bocadinho

CARTAS AO JACINTHO

Meu caro

E os homens de letras caem no jornalismo, esse jornalismo mal remunerado, que esfalfa o corpo e estiola a alma; esse jornalismo que considera mais um reporter de secretarias, porque cava editaes, do que um coitado que tem a desgraça de ser talentoso e de saber collocar os pronomes; esse jornalismo que mistura as capacidades, que não discerne aptidões, que recompensa na razão da bruteza e materialidade do trabalho; esse jornalismo que não matando bem a fome mata as vocações; esse jornalismo que abre caminho aos pulhas e intercepta a marcha dos que deveriam triumphar; esse jornalismo que vicia o corpo e o espirito e que nada mais é senão o

holocausto frio e lento de dezenas de talentos de raça...

O dono do jornal trata de enriquecer-se sem olhar para as necessidades dos seus subordinados e quando entre estes ha algum que sobresaie na maneira de escrever, arruma-lhe a maior parte no serviço sob o pretexto inconsciente de que o jornal deve ser bem escripto.

Cá por São Paulo o jornalismo anda tão relaxado que em algumas redacções ao receberem uma nova victima, querem saber apenas si se trata de um cavador e de um sujeito serio em materia de dinheiro.

Que elle saiba ou não escrever não interessa muito ao dono da folha, porque não são os artigos bem escriptos que fazem e sustentam um jornal. Não pense, meu caro, que é uma pihéria o que acabo de contar, pois

com um amigo meu de fulgurante talento deu se esse facto triste, quando pretendeu um lugar num dos nossos vespertinos.

Demais se houvesse um pouco de criterio na distribuição dos serviços, se ao mais capaz se confiasse a secção de mais responsabilidade, se aos homens de letras e a todos quantos dão provas de ser capazes de alguma coisa mais que uma noticia, fosse permittida uma certa autonomia, os jornaes não sahiriam esses monstros que vemos por ahi feitos a poder de thesoura e gomma arabica...

Mas a competencia e o talento nada valem e tanto os aptos como os enxovados estão sob as mesmas ordens discrecionarias de um superior quasi sempre mediocre e peado a mil e um interesses e conveniencias.

Toró.

MARINHA

Deixas pinceis e tintas; pensas. Tudo
Canta e reluz nos vivos da aquarella:
Curva-se a esphera, um pallio de velludo,
Sobre o oceano brutal que se encapella;

Ao longe, aos pinchos, uma caravella,
Singrando, ao largo, o pelago sanhudo,
Reteza, pondo, a refulgente vela,
Sobre o mar bravo, sob o espaço mudo...

Aqui, a praia, ao sol, macia e loura,
Tem paisagens sem fim; para outro lado,
A alma do mar, em coleras, estoura...

Simple estudo! Emtanto, á minha vista,
Nelle se trae o amor desenfreado
Que te esphacela o coração de artista!

NUTO SANT'ANNA.

Inedito dos "Tres Reinos"

PETIT-BLEU

Para Myriam, meu Amor.

Do desmoronar das mi-
nhas illuzões, nem tudo se
perdeu...

Aquella galera doirada
de que me fallavas com
tanto carinho, numa das
tuas cartas amadas, não
está desarvorada.

Não. Ao contrario, enfunada, ufana,
singra ainda, batida pelo vento da
saudade, aneiosamente, um mar...
de paixão.

Os sentimentos nascidos calmamen-
te, depois de longas reflexões, não
morrem assim, depressa, como flôres
que o vento despetala ou como fogos
fátuos que brilham um só instante.

O arco-iris de sonhos e de esperan-
ças que com carinho de pae, construi
na minha imaginação ardente, eu o
realiso ainda e o conservo, para gau-
dio do meu coração e orgulho da mi-
nha sinceridade.

Na muralha do meu peito, brilha
o medalhão da sineeridade, como con-
decoração gloriosa que não morre e
que não se gasta, á força destruidora
do tempo, esse velho trapeiro da hu-
manidade de que nos falla no seu
meigo scepticismo Machado de Assis.

Não morre o meu Amôr...

Com o mesmo ardor com que te
eserevi a primeira carta, com o mes-
mo agora depois de tanto tempo, te
envio este brado de Amôr e de sau-
dade, que arranco do fundo d'alma,
com um punhado de beijos, que são
como o incenso que eu te queimo co-

mo prece, petalas que te atiro como
homenagem...

Amôr e Saudade...

Amôr — nma vida a dois; cora-
ções vibrando em monocórdio; uma
alma envolta em outra e um beijo
que é «verbo de fogo» no presente,
no passado e no futuro...

Saudade... Ruínas doiradas, bri-
lhando como templos sumptuosos e
nóvos; presença dos ausentes; vida
velha remocada e feliz; gosto amargo
e doce de beijos que queimam a vida
inteira; desejos do céu, anhêlos de
uma coisa que não provamos ainda...

Regressando agora de uma longa
viagem, de torna ausencia, voltando
na proxima semana para longe, longe
de Ti, meu Amôr e minha Vida, não
quiz, nesta minha assaltada ao ninho
do meu affecto, deixar de enviar-te
este grito de saudade este brado de um
amôr que jamais se extingue. Adeus.

A toi pour la vie o teu, teu, teu só
com alma, coração e espirito,

AZAMBUJA.

Exposição Voltolino

Está aberta a exposição de Voltoli-
no.

Cremos que não houve ainda em
S. Paulo exposição mais visitada, mais
commentada, mais elogiada.

Todos quantos vão vela saem de
lá optimamente impressionados e ve-
rificam que de facto tinhamos razão
de dizer que Voltolino é o maior ca-
ricaturista do Brasil.

Diversos trabalhos já teem sido ad-
quiridos e é de esperar que se vendam
todos, porque não ha nem um que não
mereça as honras de umas *pellegas*.

Demais Voltolino, bohemio, sonha-
dor, vende os seus trabalhos por pre-
ços de liquidação, de modo que não é
preciso ganhar no bicho para poder
comprar uma *charge* do nosso carica-
turista.

Pelas noticias que todos os jornaes
teem dado os nossos leitores percebe-
ram que o reclamo que fizemos de
Voltolino era mais que justo.

Cartas de Nho Vadô

Sodação. Cumade Zinha
Que eu com Zéca estimarei
Que a madrinha delle teje
Tal e quá ôro de lei.

Alomiaudo, corada,
Sempre de nós se alembrando
Que o seu cumquadre de aiva
Inté bobo ta ficando.

Pois tô me enjoando de tudo
Cóa praga deste múcuim
Nha Tuca largó do bicho
Pra vivé atrais de mim.

Fiquemo de mal, nois dois
Pramórde o tar cachação
Ponhemo inté duas táboa
Bem no meio do corxão.

Honte eu tava bem quieto
Deitado no meu cantinho
Quando Nha Tuca coa mão
Brincando feito gatinho!

Fingi que tava durmindo
E principiei rressoná
Nha Tuca amuntó na taboa
É escorregó devagá.

Men corpo pegó tremé
Desparó meu coração
Eu não tava aperparado
Pra abri a suparação.

Não sei si mecê me entende
Miór se não entendé
Si muié truca pra gente
É bem feio se corrê.

Nha Tuca có 7 ôro
O sete cópa e a espadã
Eu com záp sequinho
Tava visto que eu corria. —

Nha Tuca ficó danada
Me chamó de semvergonha
Cára que só esquentta esfregando
Que nem cára de corónha.

O'me Cumadre, ovi tudo
No meu cantinho encoído
Eu mesmo me achei cum geito
De gallo que tá corrido.

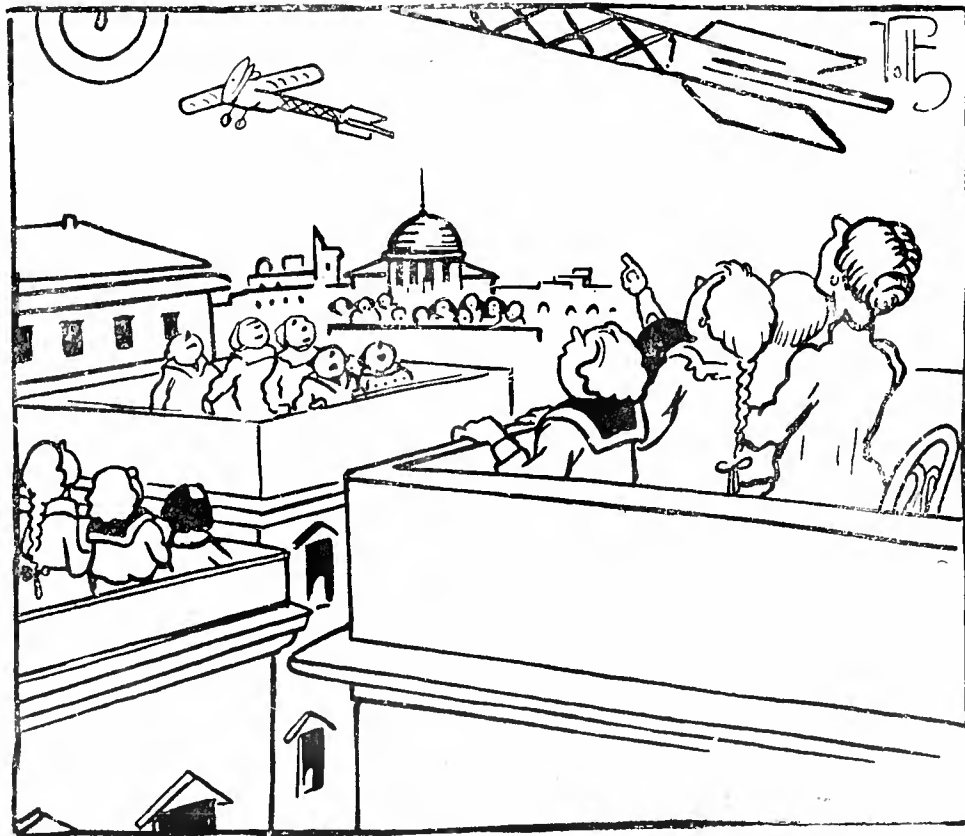
Mas Cumade o que iê digo
É que Nha Tuca é curpada
Nunca se vio muié veia
Mais feia e desageitada

Có palitor sempre aberto
As muxiba descuberto
Sem dente desgadeiada.
Cumade não ái parcero
Que escóre se ella truca

Oiando na cara della
Despara até com cazá
Despois disso mecê hade
Queré mais bem seu Cumpade

VADOSINHO CAMBARÁ.

A CONFLAGRAÇÃO



Os aviadores aliados sobre as cidades allemãs

O CASO DO SNR. PEDRO DE TOLEDO



JORNALISTA: — Foi imprudente.

A sua qualidade de ministro devia tel-o familiarizado com a eloquencia dos algarismos.

A GERAÇÃO D'O PIRRALHO (LEUR ÂME)

É sempre com o mais legitimo e intenso dos prazeres intellectuaes que consignamos os triumphos d'aquelles que, sob o nosso tecto mourejaram, começando, pelas nossas columnas, a revelar o valor real de seus inéditos preciosos.

O *Pirralho* tem já uma geração, que, se não é numerosa, conta innegavelmente, no seu grupo resumido, espiritos capazes de, pelo que encerram de promissoras realidades, honrar as lettras d'esta terra.

Não é nosso intento recordar aqui os nomes dos que constituem a nossa phalange de legionarios da arte; o titulo d'estas linhas é apenas para accordar a memoria dos esquecidos, neste momento em que, mais uma vez, G. de Andrade e Almeida e Oswald de Andrade, o fundador desta revista, põem em evidencia a sua capacidade artistica.

Acabam os nossos jovens companheiros de jornada, perante escolhida assembléa de intellectuaes do Rio, de dar uma

prova palpavel de suas já provadas aptidões para a litteratura dramatica.

Juntamos, com inteireza de coração, os nossos applausos muito sinceros aos applausos da imprensa carioca.

Leur âme, a peça que leram na capital da Republica Oswald de Andrade e G. Andrade e Almeida, veio completar o conceito que lhes conquistou *Mon Coeur Balance*, uma deliciosa pagina de vida praiana.

O novo trabalho dos dois dis-

tinetos intellectuaes paulistas, gira em torno da torturante preocupação, que faz o desespero da humanidade masculina e *rafiné*, que é isso de querer apanhar na inteireza da sua complexidade exquisita a alma fulgida da mulher, arisca e escorregadia e que nos foge sempre como as enguias lisas nos escapam dos dedos.

A alma d'ellas, quem a comprehende, quem a apanha integral, nas suas modalidades instáveis e cambiantes como os caprichos da luz na superficie das coisas? Quem é capaz de

mergulhar nas sombras misturadas de claridades falsas, que encham esses vasos de ouro, no fundo de cujo vasio existe quasi sempre uma gotta ignorada, cuja essencia a chimica não determina?

Leur áme é isso e quem acredita comprehendel-a, quem a lobrigou total, por uma adhesão ingenua da certeza, experimenta, o mais das vezes, o desencantamento, que arrasta ao cynismo amoroso.

Nem Gaston que acreditou na permanencia de um estado de coração fugaz e passageiro,

nenm George, nenhum dos dois possuiu essa alma fluctuante de Nata.

E o veneno que ella deixou no coração do amante vem sempre á tona, e como é logico, e triste e bello esse *rideau* do acto final.

Não a podemos resumir, não a podemos criticar, na rapidez de uma noticia essa peça tão verdadeira, da verdade subtil, que raros apprehendem e sentem.

Limitamo-nos a abraçar os jovens escriptores com a effusão da velha amizade que nos congrega.

MÁ

(EXCERPTO)

Carlos levantára-se cedo. Abotoado no seu lindo pijama de sêda palha, tresandando ainda o cheiro sensual da agua de colonia do seu banho morno e matinal, dirigiu-se para o seu escriptorio.

O relógio da sala de jantar dava oito horas.

Abrindo a janella que dá para o jardim, Carlos batido de momento pela aragem fresca que vinha de fóra, embriagado por mil perfumes, contemplou com enlevo as mil especies raras de rosas aljofradas pelo orvalho da manhã.

A roseira branca estava carregada. Pareciam minusculos blócos de nuvens espalhados na verdura da folhagem...

Resolveu da janella onde estava, colher a mais bella e leval-a a Zizi, que ficara no leito ainda, voluptuosamente entregue aos calidos carinhos do seu ninho de recém-casada.

E assim fêz. Entrou pé ante pé no quarto e, de mansinho, decerrando o cortinado branco, e de joelhos ao chão,

enlaçando a esposa bem no pescoço collou-lhe bem na bocca um beijo louco de amor.

Zizi abrindo os lindos olhos, de uma negrura avelludada onde um oceano de caricias vive fluctuando, passou a sua linda mão espalmada sobre a linda cabelleira de Carlos e, ia beijal-o, quando elle lhe disse:

— Sabes? Trouxe esta rosa para te accordar... Para aferroar uma preguiçosinha como tu, só os aculeos da rosa...

Vamos, são 8 1/2... Não te levantas?

— Sim, Carlos. Mais um pouquinho apenas. Está tão bom aqui.

Dizendo-lhe isto, cheia de encanto, Zizi estirou-lhe os labios e achegou bem o seu rostinho ao delle, na doce supplica de um beijo.

Supplica muda e que diz tudo; gesto quasi imperceptivel mas que tão bem péde e, um beijo estalou demorado, longo, arrebatador.

Carlos erguendo-se e endireitando a cabeleira que se desmanchara, disse:

— Bem. Dorme anjinho, vou trabalhar.

— Vá. Vou me vestir e já vou lá pagar a tua visita, ouviste?

Quando Carlos sahiu, Zizi poz-se a pensar.

Fazia apenas dois mezes que estava casada. Não tinha chegado ainda a convicção perfeita, da loucura que tinha feito. Nos ardores de uma «tua de mel», nos extasis do seu temperamento ardente, não tivera tempo ainda de medir as consequencias de seu acto.

Aos poucos, no arrefecimento dos seus enganadores abrasamentos, ia aquella idciasinha fixa, tomando vulto e se avolumando na sua razão.

A principio debil, tenue, quasi vaporosa, agora sólida, brutal, esmagadora uma unica ideia lhe bailava no cerebro: *Elle! Elle!* Que seria feito d'Elle?... E assim pensando e revolvendo-se no leito, via bem Zizi a

grandeza da sua infinita desgraça. E lhe apparecia então, no seu pensamento atonito, a figura de Carlos, no seu pijama de seda palha, accorrendo-a com um beijo e lhe dando uma rosa. Oh! era horrivel! Antes nunca conhecesse as delicias de ser esposa...

Como seria feliz se em vez de Carlos fosse *Elle!*

Vinha-lhe então ao cerebro um desespero tremendo, espadanando em odios contra o seu falso Amôr por Carlos, odio que aos pouco ia se abrandando em comiserção e piedade.

Erguida agora e em frente ao espelho, fazendo a sua toilette, Zizi pensava na ultima carta que mandara ao seu amado. Recapitulando-a na imaginação, lembrava-se que ella dizia assim:

«Meu amôr: Estou noiva ha dois dias. E' o absurdo resolvendo o impossivel.

Sem ti, esta ou outra qualquer soluçào. Vida da minha Vida, adeus para sempre, da sempre tua — Zizi».

Teve impetos de abrir o seu cofre-sinho d'ebano e lêr, devorar com os olhos, a resposta desesperada que recebeu então, desse bilhete desvairado. Ia fazel-o, mas... pensou em Carlos. Coitado! Elle poderia vir e vêr. Não devia desmoronar assim tão rapidamente a paz conjugal do seu pobre marido. Não, inda era cedo. Mais tarde... Oh! não, nunca. E pensando bem na sua desgraça, considerou-se a mulher mais infeliz do mundo e atirando-se pesadamente sobre o divan, irrompeu n'um choro louco, desesperado, convulsivo...

Passos no corredor, fizeram-na erguer-se rapidamente e, passando aguanos olhos, já agora em frente ao espelho, vendo o seu olhar triste e o seu rosto tão lindo, assim compungido, lembrou-se com saudade do dia em que se preparou pela primeira vez, para ir á cidade mandar um lindo

ramalhete de rosas para *Elle*, seu encanto, sua vida, sua fascinação.

Agitando a cabeça como quem quer se desvencilhar de uma gaze que a envolve, procurou dissipar aquella evocaçào que a martyrisava.

Nesse instante, a creada pedindo licença e abrindo de vagarinho a porta do quarto, veio annunciar-lhe que D. Sebastiana estava na sala de jantar.

— Pois sim, já vou.

Dando a ultima demão no seu cabello, fazendo com a mão espalmada, ondulações na sua linda cabelleira preta, Zizi foi receber a visita matinal de sua amiga de tanto tempo.

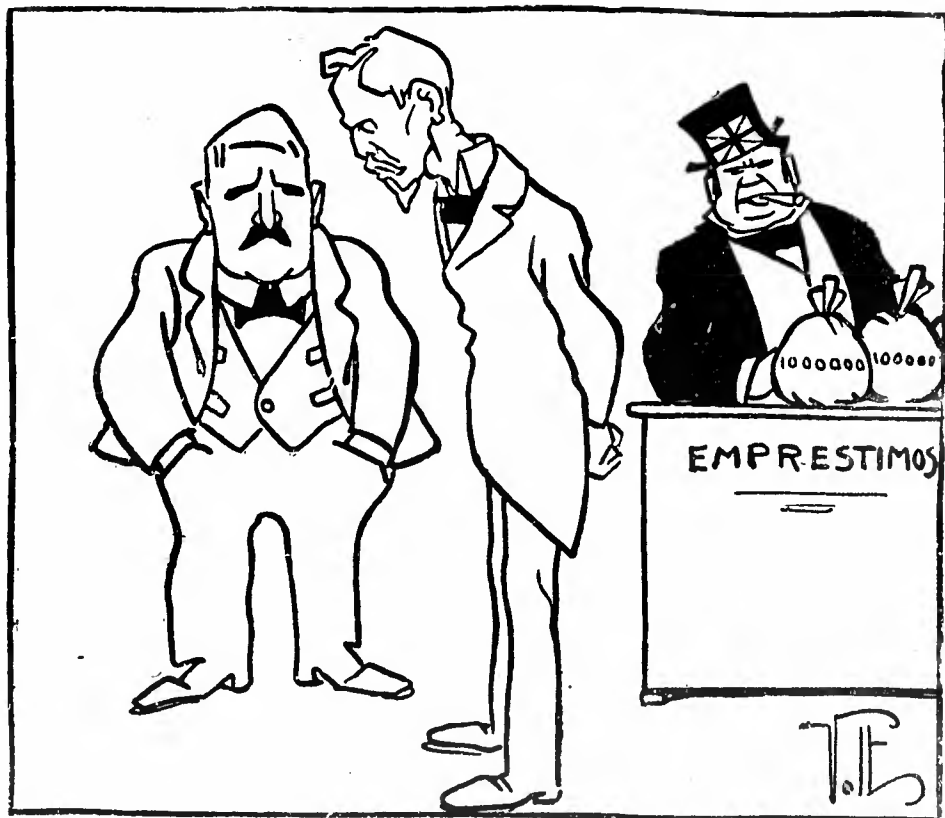
— Bons olhos a vejam. A senhora sempre bem disposta, não?

— Agora vou indo muito bem. Depois daquelle resfriado que apanhei á sahida do theatro, naquella noite da «Tosca», nada mais tive.

— Por isso é que a senhora está até mais bonita.

— Qual! vou indo...

OS NOSSOS NEGOCIOS NO FUTURO



LAURO: As condições servem, mas antes de tudo, é preciso ouvir a opinião da Allemanha.

Olhe, você me desculpe vir acordar-a tão cedo, ainda mais estando você nessa tão boa quadra de vida, que é a «lua de mel». Mas, como fui á missa hoje aqui perto, resolvi chegar até ea.

— Oh! fez muito bem D. Sebastiana. A sua visita nos dá sempre muito prazer.

— Como vae o dr. Carlos?

— Vae muito bem. Deseu ha pouco lá para o escriptorio. Foi trabalhar. Vamos lá?

— Não... Vamos perturbar o seu trabalho, quem sabe?

— Qual, na «lua de mel» o tempo mais curto, deve ser dado ao trabalho.

— Elle não se zangará?

— Não. Podemos ir.

— Então vamos.

Zizi passando o braço na cintura de D. Sebastiana, seguiu conduzindo pelo corredor a sua amiga, e ambas vagarosamente, pé ante pé, com os passos abafados pelo tapete, descendo a escada, dirigiram-se para o escriptorio onde Carlos estava.

Chegando bem atraz de Carlos, e tapando-lhe os olhos com ambas as mãos deitando-lhe na testa um beijo, exclamou:

— Veja D. Sebastiana! Disse-me que vinha trabalhar e está aqui lendo o jornal!...

Que agradável surpresa, disse Carlos — D. Sebastiana por aqui. Então, como vae passando?

— Bem Dr. Vim acordar esta vadiasiuha.

Zizi arrebatando dos mãos de Carlos o jornal disse:

— Agora não é hora de leitura; vamos conversar.

E dizendo isso correu os olhos pela pagina que seu marido lia e deparando o titulo *Notas Sociaes*, insensivelmente poz se a ler os anniversarios, os nascimentos e depois deu com a seguinte noticia:

«Realisa-se amanhã o enlace do distincto e brilhante jornalista Lauro da Silva Costa com a graciiosa M.^{lle} Leonor da Costa Monteiro, um dos mais bellos e distinctos ornamentos da nossa *haute gomme*. As cerimoniaes que se realizarão na residencia dos paes da noiva revestir-seão da maxima intimidade.»

Sem presentir, Zizi se transformou visivelmente, a ponto de Carlos interrogar:

— Que foi? Leste alguma noticia desagradavel?

— Li. Coitadiuha! Morreu uma antiga-collega minha, com vinte annos apenas.

— Quem é?

— Leonor da Costa Monteiro.

— E'? Deixa-me vêr.

— Lê ali nas *Notas Sociaes*.

Depois de correr os olhos pela noticia, exclamou Carlos todo carinhos:

— Veja D. Sebastiana, como é brincalhona a minha Zizi!? Leonor se casou e ella diz que morreu! Brincalhona e mázinha pois além disso me offende achando que o casamento é um tumulo.

— E' mesmo; isso é desaforo Zizi!... exclamou D. Sebastiana.

— Foi brincadeira, anjinho, disse Zizi. Vamos para a sala de jantar, tomar café?

— Vamos, disse Carlos e, levantando se todos, seguiram D. Sebastiana a se informar dos serviços do dr. Carlos e Zizi á frente.

Do fundo do peito da recém-casada um suspiro forte veio rebentar á flor dos labios e, com o coração apertado por grilhões d' aço uma lagrima brilhou no negror de seus olhos.]

Elle! Elle casado! Pensava Zizi! Que horror! Lampejou então no seu pensamento uma esperanza: é a liberdade, é a vida que vem. Depois unblado o semblante de tristeza: Que horror! E' a desgraça e a morte!...

DOLOR DE BRITO

“CONDENSADO ARARENSE”

Casas onde é o leite condensado “Ararense” vendido por atacado

A. J. S. H. Brazão
A. Baldacci Irmão & Comp.
A. Pinto Tameirão
Augusto Costa & Comp.
Araujo Tavares & Comp.
Antonio Proença & Comp.
Baruel & Comp.

Braulio & Comp.
Bento de Souza & Comp.
Costa Nogueira & Comp.
Egisto Betti & Comp.
F. Spinelli & Comp.
Falchi Papini & Comp.
Favilla Lombardi & Comp.

Guerra & Comp.
Henrique Metzger & Comp.
João Ribeiro & Comp.
João Jorge Figueiredo & C.
Loureiro Costa & Comp.
Luiz França dos Santos & C.
Lourenço Martins & Comp.

Machado Oliveira & Comp.
Nazareth Teixeira & Comp.
Pinto & Andrade
Souza Carneiro & Comp.
Zanotta Lorenzi & Comp.
Souza Santos & Comp.
Cunha & Barbera

Ferreira Lopes & Comp. — C. Costa & Comp. — Luiz Dias de Carvalho

P. S. — Além das casas acima mencionadas é o mesmo encontrado a venda em todas as casas de molhados finos, confeitarias e pharmacias.

Pedidos á P. BRAGA

Rua da Boa Vista, 11 (sobrado) — Telephone, 97



AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Todos os assignantes que reformarem suas assignaturas receberão "O Pirralho" de graça durante este anno.

Resolvemos dar aos nossos assignantes os seguintes premios:

- 1.º) Um palacete na Avenida;
- 2.º) Um automovel;
- 3.º) Uma bengala;
- 4.º) Uma caixa de phosphoros.

Opportunamente annunciaremos o dia em que correrão os premios.

Quem tomar duas assignaturas arrisca-se a ganhar dois premios e quem não tomar nem uma é um bobo.



O PIRRALHO



PAPELARIA DEFINE

TYPOGRAPHIA, STEREOTYPIA, CARIMBOS DE BORRACHA

ENCADERNAÇÃO, PAUTAÇÃO

FABRICA DE LIVROS EM BRANCO



DEFINE & COMP.

OBJECTOS DE PHANTASIA PARA ESCRIPTORIO

CHROMOS, CARTÕES A PHANTASIA ——— IMPORTAÇÃO DIRECTA

UNICOS IMPORTADORES DA ACREDITADA MARCA DE
ENXADAS E ENXADÕES "JACARÉ"

RUA FLORENCIO DE ABREU N. 88

OFFICINAS E DEPOSITO N. 70

Telegrammas: "DEFINE"

Telephone, 642 - Caixa do Correio, 544

SÃO PAULO

CASA DOLIVAES

AGENCIA DAS LOTERIAS DE S. PAULO E DA CAPITAL FEDERAL

Tem sempre á venda os bilhetes com grande antecedencia do dia da extracção.

Attende com presteza aos pedidos do interior, que devem ser dirigidos a

J. AZEVEDO & COMP.

Rua Direita, 10



Caixa, 26



S. PAULO

POÇOS DE CALDAS

A Suissa Brasileira

Altitude 1.200 metros

Thermas 46° cents.

Clima saluberrima. Afamadas radia-activas Thermas e Aguas Mineraes.

Estação de Aguas, Banhos, Verão e Repouso

RENDEZ-VOUS da élite paulistana e carioca

As aguas thermaes são infalliveis contra: Rheumatismo, siphilis, dermatoses, rachitismo, etc. Eliminam o mercurio e o arsenico. As aguas mineraes naturaes convêm ás molestias do estomago, rins e figado.

Comunicação facil em trens confo taveis, via S. Paulo — Campinas (E. F. Mogyana). Bilhetes de excursão com 30 % de abatimento.

GRANDE HOTEL

Aberto o anno inteiro

Recentemente construido, é o mais confortavel, luxuoso e hygienico, dispondo de 110 quartos, além de salões de palestra e recepção, «fumoir», sala de musica, salão de barbeiro, gabinetes dentario e de massagista, consultorio medico, etc. Contem «departements» de luxo

para familias, com sala, quartos banheiras para banhos sulfurosos, water-closet e outras commodidades. No centro do hotel existe uma instalação balucar das aguas thermo sulfurosas, privativa dos hospedes, e cujas aguas alli chegaram com a temperatura até 42.º

Diarias: 10\$000 a 12\$000

HOTEL DAS THERMAS

antigo Hotel da Empresa, hoje reformado, com 100 quartos, secções reservadas e proprias para familias. salas, jardim e diversões para crianças, parques e campos para sports: foot-ball, tennis, etc. Encontra-se no hotel: salão de barbeiro, gabinetes dentario e de massagista e consultorio medico.

DIARIAS: 8\$000 a 10\$000, COM EXCEPÇÃO DO MEZ DE MARÇO

Para informações, reserva de commodos com antecedencia e demais explicações sobre essa estancia climaterica e balnearia, com "A Transoceanica" - : São Paulo - Ru. Quintino Bocayuva n.º 4, 2.º andar, ou na séde da Empresa, no Rio de Janeiro, á Avenida Rio Branco, 149, 1.º andar.

O TRIANON

Os proprietarios desta Casa, previnem as suas distinctas freguesas, que acabam de receber um variado e bonito sortimento de tecidos para o verão.

No Atelier de Chapéus, tambem encontrarão as Exmas. senhoras, lindos modelos, executando-se mesmo qualquer commenda por figurinos.

Bom sortimento em roupas brancas, vestidos a phantasia, capas modernas, costumes, blusas, artigos para meninas, bebés, etc.

Martins Corrêa & Comp.

Telephone N. 1781

Rua Direita N. 30

ASSOCIAÇÃO MUTUA PAULISTA

APPROVADA PELO GOVERNO FEDERAL

Séde Social = Rua do Thezouro, 3

3 series de 11:000\$000, idade até 50 annos

1 serie de 11:000\$000, idade até 60 annos

1 serie de 50:000\$000, idade até 55 annos

Fundada em 1905 já pagou até esta data quantia superior a 1.800:000\$000

Não tem agentes, não tem accionistas

À Mutua Paulista não é uma sociedade anonyma

À Mutua Paulista liquida todos os seus seguros sem

o menor embaraço e com a maxima pontualidade

Ao alcance de todas as bolsas nesta quadra difficil — PARA INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NA SEDE SOCIAL

A FELICIDADE

Sociedade Mutua de Peculios por NASCIMENTOS, CASAMENTOS e MORTALIDADE

Approvada e autorizada a funcionar em toda a Republica pelos decretos Ns. 10.470 e 10.706

PECULIOS PAGOS MAIS DE 350:000\$000

Todos os que se inscreverem até 31 de Dezembro de 1914, nas séries de casamento receberão os peculios *um anno* depois da inscrição.

Depois da inscrição os mutualistas podem casar quando quizerem.

Quem se inscrever nas séries de *nascimento*, até o fim do corrente anno, será chamado *10 mezes* depois da *inscrição* e receberá de *uma só vez* o peculio que lhe couber.

O nascimento pode dar-se em qualquer tempo.

Todo o socio que propuzer outro para a sua série terá a seu credito a importancia de *cinco* contribuições. Depois de completas as séries, por cada oito chamadas feitas, a sociedade dispensará as contribuições dos mutualistas para as *duas* chamadas immediatas.

Séde Social: RUA 15 DE NOVEMBRO N. 59 (sob.) - Caixa Postal, U - Telephone, 2588

— S ã o P A U L O —

Das marcas mais conhecidas
São estas que causam fé:
As mais fortes, mais queridas,
São marcas *Renault e Berliet*

São os melhores da praça!
Pasmem todos! Vejam só!
Pois custam quasi de graça
Os autos *Berliet e Renault.*

Pedidos: CASA ANTUNES DOS SANTOS - Rua Direita N. 41